

O *keffiyeh* como símbolo de resistência e performance política na esfera digital: entre tradição, ativismo e circulação imagética global¹

Francisca Rebecca Mendes Santos²
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Este trabalho analisa o *keffiyeh* como signo visual e político nas redes sociais digitais, destacando seu papel como símbolo de resistência e performance identitária no ativismo global. A partir de uma abordagem teórico-analítica baseada em Barthes, Rancière, Mirzoeff e Hine, e com uso da etnografia para a internet, investiga-se a apropriação do lenço palestino por ativistas e figuras públicas. A performance imagética de Greta Thunberg é examinada como contravisualidade, prática visual que desafia a ordem dominante e amplia os sentidos da solidariedade política. Conclui-se que sua circulação digital ativa disputas simbólicas e fomenta novas formas de engajamento e partilha do sensível.

PALAVRAS-CHAVE: keffiyeh; ativismo digital; performance política; contravisualidades; Palestina.

DESENVOLVIMENTO

Conforme descrito em artigo publicado em 2023 no site oficial da Hirbawi³, o *keffiyeh*, também conhecido como *kufiya*, *shemagh* ou *hattah*, é um lenço tradicional utilizado historicamente por homens árabes. Sua origem remonta à Antiguidade, tendo sido inicialmente uma peça funcional destinada à proteção contra o sol, poeira e areia do deserto. Com o tempo, essa indumentária passou a incorporar significados sociais, políticos e culturais que o elevaram à condição de símbolo identitário, em especial para o povo palestino (HIRBAWI, 2023).

Segundo Joseph Massad (2005), o *keffiyeh* consolidou-se como vestuário tradicional dos camponeses palestinos (*fellahin*) durante o período otomano e o Mandato Britânico (1917–1948), em contraste com o *tarbush* (chapéu de feltro) e outros elementos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, mídias e interculturalidades, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: rebeccamendes@alu.ufc.br

³ Hirbawi é a última fábrica palestina ainda em funcionamento dedicada à produção do *keffiyeh*. KUFUYA. *What does the Palestinian keffiyeh symbolize?* Disponível em: <https://kufiya.org/what-does-the-palestinian-keffiyeh-symbolize/>. Acesso em: 1 maio 2025.

do vestuário, associado às elites urbanas. Essa ligação com as classes populares conferiu ao lenço um simbolismo anticolonial. Durante a Grande Revolta Árabe (1936–1939), como analisa Ted Swedenburg (1995), o *keffiyeh* foi amplamente adotado por insurgentes para ocultar o rosto, criar unidade visual e expressar solidariedade aos camponeses, tornando-se símbolo da resistência e da identidade nacional palestina.

Em matéria⁴ de 2023, o *The Guardian* destaca o papel de Yasser Arafat na internacionalização do *keffiyeh* como símbolo da causa palestina, a partir de suas aparições midiáticas desde os anos 1960. Outro marco importante foi seu uso por Leila Khaled, militante que ganhou notoriedade internacional ao participar de sequestros de aeronaves nos anos 1960 e 1970. Sua imagem icônica (jovem, armada e com o *keffiyeh*) tornou-se símbolo visual da luta palestina. Khaled rompeu com normas patriarcais e coloniais, ocupando o papel historicamente negado às mulheres: o de combatente. Seu uso do *keffiyeh* reafirmava a identidade nacional e desafiava estereótipos de gênero. Segundo Damluji (2023), sua imagem ajudou a inscrever o corpo feminino como território de resistência, ampliando o alcance simbólico do lenço entre mulheres, jovens e ativistas ao redor do mundo.

O *keffiyeh*, com seu padrão quadriculado preto e branco, carrega significados sociais e políticos construídos ao longo do tempo. No contexto atual, tornou-se um símbolo semiótico transnacional, usado em atos de solidariedade e ativismo digital. Contudo, sua apropriação pela moda ocidental ou pelo consumo despolitizado gera debates sobre o esvaziamento de seu sentido original. Nas redes sociais, o lenço ganha novos significados políticos e simbólicos. Como destaca Barthes (2006), na moda, o signo comunica significados culturais. Assim, quando ativistas e figuras públicas se apresentam com o lenço palestino, não apenas vestem um acessório: articulam-se em um campo de sentidos que remete a resistência, opressão e luta por autodeterminação.

Nesse processo, o *keffiyeh* opera como um signo móvel, polissêmico e performativo. Como destaca Goffman (2008), os elementos visuais que compõem a aparência dos sujeitos são dispositivos de encenação identitária. Nas redes digitais, essa performance ganha visibilidade ampliada e caráter político. Stuart Hall (2003) corrobora essa ideia ao afirmar que "as identidades são formadas e transformadas continuamente

⁴ HAIDARI, Niloufar. From Yasser Arafat to Madonna: how the Palestinian keffiyeh became a global symbol. The Guardian, 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/dec/11/keffiyeh-scarf-fashion-history-palestine>. Acesso em: 2 maio 2025.

em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos cercam" (HALL, 2003, p. 13). Nesse sentido, o uso do *keffiyeh* por ativistas e celebridades nas redes não é um gesto isolado, mas uma prática semiótica que participa da constituição de um *ethos* político.

A presença da ativista climática Greta Thunberg em protestos pró-Palestina em 2023, utilizando o lenço tradicional e compartilhando imagens nas redes sociais, ilustra esse processo de ressignificação. A adesão ao uso do lenço transformou-se em um gesto visual que, acompanhado de mensagens de solidariedade à Palestina, amplificou o alcance simbólico do *keffiyeh* entre públicos jovens e ambientalistas, articulando causas interseccionais e expandindo os contornos da resistência. A imagem da jovem ativista sueca, já reconhecida globalmente por seu ativismo, tensiona a fronteira entre celebridade e engajamento político, mobilizando o que Mirzoeff (2011) entende como "*countervisuality*⁵": práticas visuais que desafiam a ordem dominante e propõem novas formas de ver e de sentir o mundo.

Essa contravisualidade se inscreve em uma lógica que Sontag (2003) já apontava ao tratar das imagens de dor e sofrimento como dispositivos de sensibilização política. Para a autora, as imagens têm o poder de gerar empatia e indignação, especialmente quando mediadas por figuras de autoridade simbólica. No caso do *keffiyeh*, sua circulação nas redes emoldura a narrativa do conflito Israel-Palestina com uma estética de resistência, e não de vitimização. É o que Rancière (2012) define como "partilha do sensível": a disputa sobre quais imagens são dignas de atenção política.

Nesse sentido, a contribuição de Nicholas Mirzoeff (2011; 2015) é central para compreendermos o papel das imagens no mundo contemporâneo. Para o autor, vivemos em uma era em que "ver o mundo" tornou-se um ato político e relacional. Ao abordar o conceito de contravisualidades, Mirzoeff propõe que determinadas práticas visuais desafiem e contestem os modos hegemônicos de ver (aqueles impostos por instituições de poder que definem quem e o que merece ser visto). A visualidade dominante, portanto, não é apenas uma estética, mas um regime de visibilidade sustentado por estruturas coloniais, raciais e patriarcais.

⁵ Contravisualidade em tradução livre.

O *keffiyeh*, ao emergir como um artefato de visualidade insurgente, pode ser compreendido dentro do conceito de contravisualidade, conforme proposto por Mirzoeff (2011). Isso porque ele atua como um instrumento que desestabiliza os regimes hegemônicos de visualidade, ao tornar visíveis corpos, lutas e histórias frequentemente marginalizadas. Nessa perspectiva, o *keffiyeh* não é apenas um símbolo de resistência política frente à ocupação israelense, mas também uma ferramenta de reconfiguração das políticas do olhar. Como argumenta Mirzoeff (2015), criar imagens ou performar visualmente contra o olhar dominante é um gesto de reivindicação do “direito de ver” (um direito que, historicamente, tem sido negado a povos colonizados e subalternizados).

A importância dessa reflexão é ainda mais evidente em um mundo saturado por imagens e mediado por plataformas digitais. A disputa por atenção, por representação e por legitimidade simbólica acontece na esfera visual. Assim, pensar a circulação do *keffiyeh* nas redes sociais, seu uso performativo e suas ressignificações contemporâneas implica compreender os modos pelos quais a imagem participa de lutas políticas concretas. Trata-se de reconhecer que a batalha pela justiça social também se trava nos campos do visível e do sensível, e que práticas visuais insurgentes (como aquelas analisadas por Mirzoeff) são formas potentes de resistência e produção de mundo.

A construção simbólica do *keffiyeh*, portanto, não se limita à sua origem histórica ou aos significados atribuídos no contexto geopolítico do Oriente Médio. Na contemporaneidade, especialmente com a presença da internet como ambiente de interação e mobilização, o lenço torna-se parte de práticas culturais que atravessam fronteiras geográficas, políticas e simbólicas. Nesse sentido, as reflexões de Christine Hine (2015) sobre a internet como “*embedded, embodied and everyday*” oferecem uma chave analítica potente para compreender como o *keffiyeh* circula, é apropriada e ressignificada no cotidiano digital.

Ao ser “incorporada” (*embedded*), a internet mostra como as práticas online estão integradas às dinâmicas sociais *offline*. O uso do *keffiyeh* nas redes é uma extensão das lutas políticas e identitárias que ocorrem em diversos espaços, carregando memórias coletivas de resistência e ampliando discursos da causa palestina para novos públicos. Como “corporificada” (*embodied*), a internet revela que as interações digitais são atravessadas por afetos e experiências. Vestir e exibir o *keffiyeh on-line* transforma o corpo em um corpo político, cuja imagem encarna posicionamentos e alianças. Por fim, a dimensão “cotidiana” (*everyday*) da internet mostra que práticas como compartilhar

imagens do *keffiyeh*, usá-la como avatar ou apoiar a Palestina por *hashtags* fazem parte da vida diária. Assim, a internet não é um espaço separado, mas um meio onde as pessoas vivem e constroem cultura.

Portanto, a presença do *keffiyeh* na esfera digital deve ser compreendida à luz de uma internet que é simultaneamente incorporada, contextual e cotidiana. Sua circulação não apenas reforça sentidos históricos de resistência, mas também se adapta às dinâmicas afetivas, visuais e culturais do presente. É no entrelaçamento dessas dimensões (entre o histórico e o atual, o local e o global, o material e o digital) que o *keffiyeh* se consolida como um poderoso emblema da performance política contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *keffiyeh* como signo de resistência performática nas redes digitais evidencia como as imagens atuam como territórios de disputa política na contemporaneidade. Mais do que um adorno, o *keffiyeh* torna-se um enunciado visual que convoca olhares, engendra sentidos e articula narrativas de solidariedade, pertencimento e enfrentamento. Em contextos marcados por sobreposição de crises e apagamentos, discutir quem tem o direito de ser visto, de ter sua causa visualizada e legitimada, é discutir também os modos de ver que organizam o sensível e o político.

Este estudo se insere no campo das políticas do olhar, em que as visualidades não são neutras, mas resultado de construções simbólicas em permanente embate. As imagens que circulam e ganham força nas redes configuram regimes de visibilidade que favorecem determinados corpos, causas e discursos, em detrimento de outros. Assim, a presença do *keffiyeh* em performances ativistas se conecta a um movimento mais amplo de tensionamento das fronteiras entre o que pode ou não ser visto e legitimado no espaço público global.

Em um momento histórico em que narrativas visuais moldam a opinião pública e os afetos coletivos, refletir sobre signos como o *keffiyeh* contribui para compreender as engrenagens simbólicas que sustentam o reconhecimento e a escuta de determinadas lutas. Longe de esgotar o tema, esta reflexão aponta para a urgência de se aprofundar o debate sobre as disputas de imagem e os desdobramentos políticos da construção das visualidades no meio digital.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional, 2006.

DAMLUJI, Mona. **Sociopolitical history of the keffiyeh**. London: Royal College of Art, 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

MASSAD, Joseph. **The persistence of the Palestinian question: essays on Zionism and the Palestinians**. New York: Routledge, 2005.

MIRZOEFF, Nicholas. **The right to look: a counterhistory of visibility**. Durham; London: Duke University Press, 2011.

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**. London: Pelican, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.